

CUIDADO, ESTE LIVRO É FRÁGIL!

MANUAL DA HETERONORMATIVIDADE

Renata Porcellis

Kai Krause

**CUIDADO,
ESTE LIVRO É
FRÁGIL!**

**MANUAL DA
HETERONORMATIVIDADE**

Renata Porcellis
Kai Krause

2024 by Atena Editora

Editora chefe	Copyright © Atena Editora
Prof ^a Dr ^a Antonella Carvalho de Oliveira	Copyright do texto © 2024 As autoras
Editora executiva	Copyright da edição © 2024 Atena Editora
Natalia Oliveira	
Assistente editorial	Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelas autoras.
Flávia Roberta Barão	
Bibliotecária	Open access publication by Atena Editora
Janaina Ramos	



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva das autoras, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos as autoras, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Multidisciplinar

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof^a Dr^a Aline Alves Ribeiro – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof^a Dr^a Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Prof^a Dr^a Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof. Dr. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná

Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Eufemia Figueroa Corrales – Universidad de Oriente: Santiago de Cuba
Profª Drª Fernanda Pereira Martins – Instituto Federal do Amapá
Profª Drª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Joachin de Melo Azevedo Sobrinho Neto – Universidade de Pernambuco
Prof. Dr. João Paulo Roberti Junior – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Jodeylson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Profª Drª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Lisbeth Infante Ruiz – Universidad de Holguín
Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Profª Drª Mônica Aparecida Bortolotti – Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro Oeste
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanesa Bárbara Fernández Bereau – Universidad de Cienfuegos
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ficha Técnica

Título Original

Cuidado, este livro é frágil! Manual da heteronormatividade

Autoras

Renata Porcellis

Kai Krause

Revisão de Texto

Rafael Barbosa Porcellis da Silva

Projeto Gráfico e Capa

Bruno Cruz Candido

Ilustração

Gabriela Barcellos da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P833 Porcellis, Renata
Cuidado, este livro é frágil! Manual da
heteronormatividade / Renata Porcellis, Kai Krause. -
Ponta Grossa - PR: Atena, 2024.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-2777-3
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.773242207>

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. 3. LGBTQI+.
4. Orientação sexual. I. Porcellis, Renata. II. Krause, Kai.
III. Título.

CDD 306.766

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos - CRB-8/9166

DECLARAÇÃO DAS AUTORAS

As autoras desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

O projeto “Visibilidade às diferenças na escola” desenvolvido pelo Fora da Caixa - Grupo de pesquisa em educação, gêneros e sexualidades do IFSul - Campus Pelotas, buscou abordar temáticas sobre gêneros, sexualidades, violências, estereótipos, questões étnico-raciais, gordofobia e vivências queer, que fogem das normas heterossexuais, brancas e masculinas.

Utilizando uma linguagem jovem e atual, voltada ao público adolescente na faixa etária entre 14 e 18 anos, tentamos desenvolver um texto atrativo para que a juventude consiga, de fato, apropriar-se dos conhecimentos compartilhados pelos dez livros produzidos, buscando a construção de relações mais empáticas, pautadas no reconhecimento das diferenças entre colegas, professores e gestores no ambiente escolar.

Na escolha das referências para a construção dos textos buscamos utilizar materiais produzidos em diferentes perspectivas visando a descolonização do conhecimento bem como o reconhecimento das vivências e experiências dos grupos oprimidos. Utilizamos, então, textos de teóricas mulheres, negras, gordas, latino-americanas e africanas, junto com referenciais europeus, brancos e masculinos.

O conteúdo dos livros é resultado de um projeto de pesquisa apoiado pela Pró-reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-graduação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - IFSul, através do EDITAL PROPESP-BOLSA/ IFSul - Nº 06/2018.

CO
LE
ÇÃO

EXPLICANDO
GÊNERO

**CO
LE
ÇÃO**

**EXPLICANDO
GÊNERO**

**QUAL É A
DIFERENÇA?**

**SEXO, GÊNERO, EXPRESSÃO
DE GÊNERO E SEXUALIDADE**

**NO FINAL É
TUDO DRAG:**

ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

**VOCÊ VAI SE ARREPENDER DE LEVANTAR A MÃO
PRA MIM!**

VIOLÊNCIAS DE GÊNERO

**NÃO É SÓ SOBRE
PINTOS E XOXOTAS**

TRANSGENERIDADES

**NÃO TEM CABIMENTO
ESSA TAL**

GORDOFOBIA

**ONDE VOCÊ
ESCONDE SEU**

RACISMO?

HOMO. SEXY. UAU!

TUDO SOBRE SER GAY!

BEM-VINDA AO BREJO!

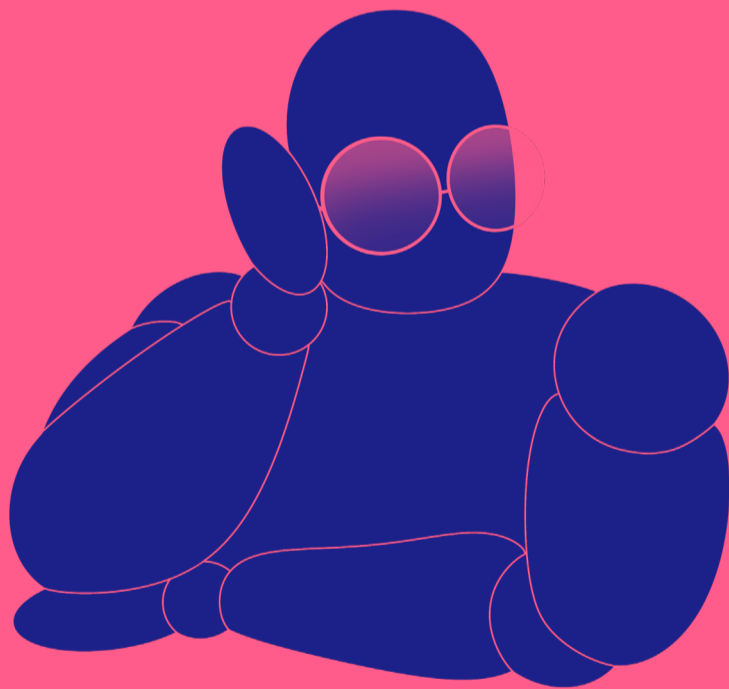
UTILIDADES SAPATÔNICAS

CUIDADO, ESTE LIVRO É FRÁGIL!

MANUAL DA HETERONORMATIVIDADE

VULVA,

**MUITO
PRAZER!**



1. PRA COMEÇO DE CONVERSA

Dando o primeiro passo com o pé direito.

2. TODA TRABALHADA NA INFORMAÇÃO

Acharam que a gente não ia falar de heteros?

3. NÃO ENTENDEU? A GENTE DESENHA

Gráficos com altíssimo tom de ironia.

4. CAÔ X FATO

Nossa pequena agência de checagem.

5. BABADO FORTE

Novas masculinidades? Que bicho é esse?

6. PRA NÃO DAR CLOSE ERRADO

O problema é só dos héteros?

7. PRA COLAR NA PROVA

Nunca tinha ouvido falar? É por isso que temos um glossário!

8. PRA STALKEAR GERAL

Pra assistir depois que terminar as tarefas.

9. NÃO PEGOU A REFERÊNCIA?

Tem pé e cabeça, sim! Tudo com fundamento.

CUIDADO, ESTE LIVRO É FRÁGIL!
MANUAL DA HETERONORMATIVIDADE

1

PRA COMEÇO DE
CONVERSA

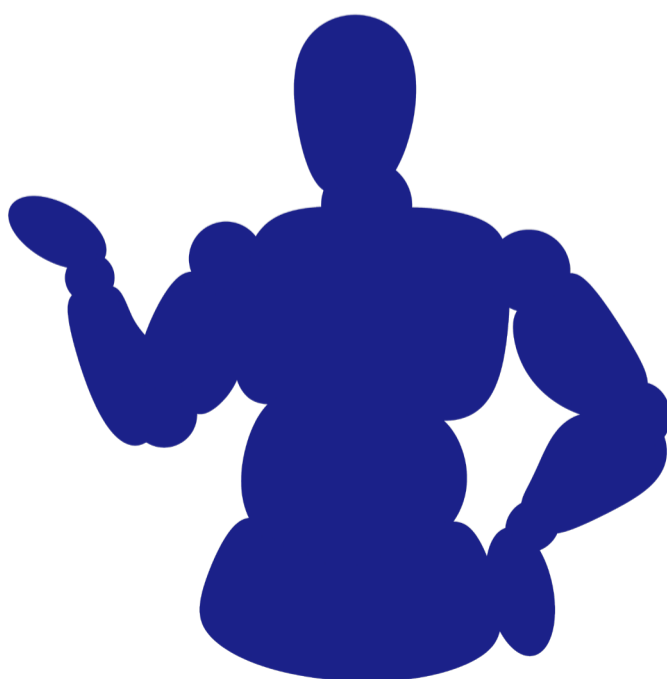
Dando o primeiro passo com o pé direito.

Todo mundo certamente já ouviu, alguma vez na vida que “essa coisa de LGBTQIA+ não é certo! O natural é homem e mulher com mulher e homem”. Todo mundo tem uma tia religiosa ou um tio conservador na família, ou talvez você que está lendo até pense assim. Ninguém tá aqui pra criticar, mas você já parou pra pensar sobre essa frase?

Quem não é legal considerar os LGBTQIA+ pessoas anormais a gente já sabe (ou espera que saiba, né, gurias!). O movimento, de uma maneira geral, levanta a bandeira de que as homossexualidades/bissexualidades/transgeneridades também são tão naturais quanto a cis-heterossexualidade e é comum usarem pesquisas genéticas como argumento a favor disso. Você já viu alguma dessas pesquisas que tentam achar um “cromossomo homossexual” ou algo do tipo? Pois é. Pra encontrar uma justificativa biológica da homossexualidade tem um bocado de gente, mas será que alguém já tentou encontrar uma explicação pra heterossexualidade?

Talvez o pessoal da biologia não tenha questionado, mas a galera de humanas já vem se perguntando isso há bastante tempo. A gente tem a ideia de que o ser humano é naturalmente heterossexual e alguma coisa acontece com uma parcela da população, que nasce fora desse padrão (homossexuais, bissexuais). Mas uma série de estudos de diversas áreas como antropologia, psicologia, sociologia, filosofia, mostram que existe um problema de interpretação de texto aí nesse rolê.

“Mas mana, cê tá querendo dizer que nem a homossexualidade e nem a heterossexualidade são coisas naturais?”



Isso aí, bicha esperta! E não é só isso: além de inventarmos essas categorias, nós inventamos regras pra elas. A **heteronormatividade** é um dos jeitinhos da heterossexualidade pra se manter no poder.

Não tá entendendo nada? Relaxa aí que a gente tá só começando!



2

TODA TRABALHADA NA INFORMAÇÃO

Acharam que a gente não ia falar de heteros?

UM POUQUINHO DE HISTÓRIA



Às vezes a gente esquece que nem tudo sempre foi do jeito que a gente conhece. Há uns anos atrás, por exemplo, as salas dos professores tinham um cheirinho de álcool no ar de tanta prova impressa em mimeógrafo. É óbvio, pra nós, entendermos que as tecnologias nem sempre existem, mas não é tão evidente pensar que a maneira como a gente se comporta nem sempre foi assim. No século 18, por exemplo, além de não existirem impressoras, não existiam héteros!

As categorias de sexualidade que a gente conhece (*hétero, homo ou bi*) foram surgir só no século 19. Antes disso existiam só as práticas sexuais consideradas certas (as que tinham objetivo de reprodução e aconteciam dentro da família monogâmica) e as que eram condenadas como pecado (as que tinham objetivo de sentir prazer). É por isso, por exemplo, que a masturbação ainda é tão condenável quanto o sexo com alguém do mesmo gênero, porque nenhuma das duas práticas é reprodutiva.

Nós, do ocidente, passamos grande parte da nossa história com a Igreja Católica no poder. Era ela que tomava conta e produzia os conhecimentos de um período bem longo do nosso passado (e hoje em dia também, né). Nessa época, qualquer forma de prazer era uma forma de pecado e pensar em desejo sexual era uma coisa absurda. Sexo precisava ser purificado e sem prazer, só se podia transar para reproduzir (e mesmo assim seguia sendo sujo e pecaminoso).

Agora me diz, você lembra as definições de hétero, homo e bissexualidade? Pessoas que sentem desejo sexual por um gênero diferente, igual ou os dois. Se até o século 18 não existia a ideia de desejo sexual, só da prática repro-

dutiva, esses rótulos não tinham motivo pra existir. Em outras palavras: não existiam heterossexuais! Nem gays, nem lésbicas, nem nada.

Esses rótulos vão começar a aparecer quando a sociedade europeia inicia a transição do conhecimento religioso pro conhecimento científico (lembra da Revolução Francesa e do Iluminismo?). Daí o ser humano começa a valorizar as ciências como a medicina, a biologia, a química e a categorizar o mundo e as coisas para validar, cientificamente, o que antes era validado (ou invalidado) pela religião.

É nessa bagunça que a gente começa a entender as pessoas como sujeitos de desejo sexual. É lógico que não era da mesma maneira que a gente entende hoje e, quando eles diziam “pessoas” eles queriam dizer “homens” como sujeitos de desejo sexual e mulheres apenas como objetos de desejo ou fundação familiar.

Por mais que essas novas ciências estivessem comprometidas com a verdade do mundo, elas eram produzidas por homens que compartilhavam valores parecidos com os da Igreja. Como não colava mais o argumento de que “é assim pela vontade de Deus”, os caras começaram a argumentar cientificamente contra as práticas que a Igreja considerava pecaminosas, trocando “seis por meia-dúzia”. Pra isso a humanidade criou as categorias de desejo e comportamento sexuais, nas quais “o ser humano é naturalmente orientado a sentir desejo pelo sexo oposto” e qualquer outra forma de desejo ou prática sexual era um “desvio comportamental” ou uma “doença/transtorno mental”.

A gente não pode cair na ilusão de que não existiam interesses por trás disso, né (e continuam tendo). O iluminismo e a Revolução Francesa, marcam o início da ascensão da burguesia ao poder. Era de total interesse do grupo dominante que o grupo dominado seguisse se reproduzindo para trabalhar para eles. A heterossexualidade enquanto norma também serve pra isso: manter a classe trabalhadora sempre se renovando, enquanto a monogamia serve para manter a propriedade sempre nas mãos da mesma família.

Esse conhecimento científico foi utilizado pra validar a heterossexualidade como natural, certa e a homossexualidade como um transtorno, desvio. Foi uma jogada tão bem bolada que até nos dias de hoje você deve estar se perguntando, “Mas se a heterossexualidade não é o natural, porque a maioria das pessoas é hétero?”

Isso acontece porque a heterossexualidade é a regra, o “normal”. Pra transformar ela em uma regra e fazer com que as pessoas se encaixem nela, além do argumento científico, criou-se outra maneira: a **heteronormatividade**. Ela é um conjunto de regrinhas e condutas sociais que, além de reafirmar a heterossexualidade, induzem as pessoas a se comportarem como heterossexuais.



Pode parecer um pouco complicado, mas vamos dar uma olhada pra ver como isso funciona.

PODE ATÉ SER HÉTERO, MAS NÃO PRECISA DAR PINTA!

Na nossa sociedade, existe um conjunto de regras sobre como você deve parecer e agir, são masculinidades e feminilidades consideradas “pré-requisitos” pra validação da sua sexualidade. Em outras palavras: pra ser considerado hétero, você precisa parecer hétero. Mas o que é esse “parecer hétero”?

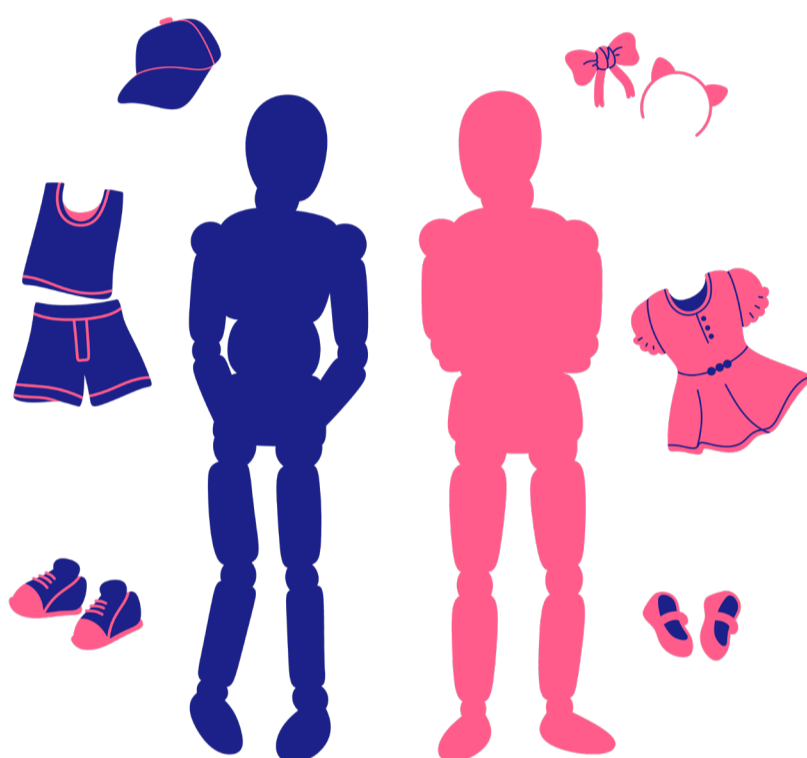
A heteronormatividade regula as pessoas e nos dá as noções de como nos comportar na vida em sociedade. Se vemos, por exemplo, um grupo de meninos heterossexuais reunidos, podemos perceber características que são compartilhadas pela maioria daquele e de outros grupos. Essas características podem ser bem abrangentes como, por exemplo, a escolha das roupas na hora de se vestir: camisetas ou camisas, calças ou bermudas, bonés e uma paleta de cores um pouco mais neutra; cortes de cabelo curtos, raspados dos lados e um topete; ou podem ser mais regionais, como os meninos do Sul, que usam excessivamente a palavra “pai” pra se referir aos outros.

Tudo isso são características que reafirmam a masculinidade e a heterossexualidade desses meninos. Quando alguém não se encaixa nesse perfil (veste uma paleta de cores um pouco mais aberta, pinta o cabelo com tinta fantasia ou gesticula de uma maneira um pouco mais delicada), logo tem sua masculinidade questionada e sua sexualidade posta à prova. Daí podem vir as piadinhas, o bullying e a exclusão.

As feminilidades também são controladas pela heteronormatividade: as roupas, mesmo que tendo uma variedade maior de estilos e cores, são justas; unhas feitas e pintadas; a maquiagem; os cabelos compridos. Mas mesmo assim, as feminilidades têm uma folga um pouco maior. É tolerável um certo estilo que mistura alguns poucos elementos de masculinidades no corpo das meninas, sem que isso coloque em xeque sua heterossexualidade. As

masculinidades são muito mais rígidas e qualquer desvio já faz perder a validade.

Isso não significa que meninas que fogem da heteronormatividade não sejam consideradas sapatões. A sexualidade de alguém que escapa da heteronormatividade vai ser questionada pelas pessoas, mesmo que as feminilidades tenham um pouco mais de liberdade do que as masculinidades.



VESTIR HETERONORMATIVO

As roupas que vestimos costumam dizer alguma coisa sobre a nossa personalidade. Podem nos dar pistas sobre o gosto musical de alguém (a galera do rock adora uma camiseta de banda), sobre o emprego de alguém (advogado sem roupa social, ninguém viu) ou sobre de onde essa pessoa veio (porque roupa também é cultura!) e, geralmente, a primeira coisa que as pessoas trans binárias fazem, bem no comecinho da transição, é usar roupas consideradas “do gênero oposto”.

Roupas podem ser marcadores fortes pra várias coisas e é lógico que a heteronormatividade influencia a maneira como as pessoas se vestem. Meninos e meninas hete-

rossexuais se vestem de maneiras que podem ser muito parecidas e não existe só um modelo heteronormativo de estilo. Tem várias “vertentes” que podem misturar heteronormatividade com música (imagina os meninos que você conhece que são do funk, os do rap e os do metal), com o curso que fazem na faculdade (o pessoal da medicina e da odonto, por exemplo, já reparou que são bem diferentes do pessoal miçangueiro das humanas?) ou com o posicionamento político.

Isso não quer dizer que sejam todos obrigatoriamente iguais, mas muito parecidos. E também não quer dizer que não existam os padrões no mundo LGBTQIA+! Os gays do pop e as sapatões indie são alguns exemplos de modelos que a gente pode pensar. A questão é que, se esses modelos não seguem um padrão heteronormativo (se o gay do pop ou a sapatão indie não se parecerem com héteros), acabam sofrendo violências.

GESTICULAR HETERONORMATIVO



Umhas pessoas fazem menos, outras são simplesmente teatrais mas, de uma maneira ou outra, todo mundo gesticula quando se expressa. A forma de mexer ou não mexer as mãos, as expressões faciais, a postura em geral, fazem parte de como a gente se expressa e também é padronizado.

Nas masculinidades e nas feminilidades existem formas diferentes de se expressar, mas nós podemos perceber certos padrões. Gestos mais bruscos com os braços, tom de voz alto, andar todo duro e a (péssima) mania de se coçar em público, são exemplos do jeito masculino de se expressar. Sentar com as pernas cruzadas, gestos mais delicados e o quadril mais solto são características bem comuns na maneira das meninas se comportarem.

É assim que se espera que meninos e meninas se comportem no dia a dia. Mas e quando as coisas se invertem? Quando meninos andam com o quadril solto e meninas

sentam com as pernas abertas, a gente se depara de novo com violência: xingamentos, chacotas e até violência física para “endireitarem a postura”.



O JEITO QUE A GENTE SENTE TAMBÉM É HETERONORMATIVO

Todo menino já ouviu, alguma vez na vida, algo como “engole o choro” ou, “homem não chora, isso é coisa de mulherzinha”. Pois é, no imaginário social, sentir e expressar emoções não são “coisas de homem”.

As masculinidades normatizadas não aceitam que os meninos sintam do mesmo jeito que as meninas. Expressar afeto, por exemplo, é uma coisa que só é aceita quando direcionada para uma menina, é difícil vermos dois meninos héteros se abraçando ou se cumprimentando com um beijo.

Os meninos são vigiados desde cedo para não expressar certos tipos de emoções, mas será que isso faz com que esses sentimentos desapareçam? Sentir e expressar emoções faz parte de ser humano, mas por que os meninos não podem fazer isso? Porque associamos sentimentos com fragilidade, coisa que a masculinidade repudia. Quando um menino se permite demonstrar afeto com um

amigo, ou quando ele se permite chorar, ele é motivo de deboche e tem sua masculinidade questionada e, quando são crianças, podem inclusive ser punidos com violência.

Não permitir que os meninos expressem emoções faz com que eles tenham dificuldade de aprender a lidar com elas, gera frustração e contribui para o não amadurecimento dos meninos. Sentir emoções e demonstrar afeto são coisas muito boas e que, além de não precisarem ser reprimidas, deviam ser valorizadas.

E FIO TERRA, PODE?

Se você não é celibatário, assexual estrito ou jovem demais pra essas coisas, o sexo certamente faz parte da sua vida. Se você não está fazendo sexo, tudo bem e se você está ou quer fazer, tudo bem também, ele melhora sua imunidade, alivia sua enxaqueca e diminui os riscos de você ter um infarto.

A gente já sabe que existe todo um tabu em cima do sexo: transar só depois do casamento, manter a virgindade e transar com uma única pessoa, por exemplo. O que a gente veio te contar é que, além dos tabus, o sexo é dominado pela heteronormatividade.

Se você parar pra pensar, as pessoas num geral, transam mais ou menos da mesma forma. Existe uma espécie de roteiro de como transar. Tudo começa com os beijos e as mãos, até as roupas se perderem em algum lugar no chão. A menina faz o oral por alguns minutos e talvez receba de volta depois. *meninos, meninas e menines: não tem essa de sentir nojo de pepeka!* Depois disso é botar a camisinha e começar a penetração até gozar. No máximo a galera muda de posição de vez em quando.

Conseguiu identificar sua vida sexual nesse contexto?



Pois é, a maioria das pessoas faz assim, mas porque que a gente faz isso?

A indústria pornográfica contribui bastante pra essas noções. Pode reparar que o script dos filmes pornô segue, a maioria, mais ou menos essa ordem. Já tem algumas gerações que cresceram tendo acesso à pornografia de uma maneira muito fácil e assistiram pornôs bem antes de começar a transar. Daí as pessoas acham que é assim que se transa e fazem exatamente dessa forma!

Mas a culpa não é só da indústria pornográfica. A gente já comentou aqui que a transição pro conhecimento científico seguiu reproduzindo padrões e, nisso tudo, a medicina começou a classificar os “órgãos sexuais”. A gente aprende na escola que o pênis e a vulva são órgãos com função reprodutiva e que, se a gente reproduz transando, é com eles que a gente transa. Tem também os seios e os mamilos femininos, que são considerados zonas erógenas e eróticas, os mamilos masculinos não são considerados tanto assim, tem homem que sente vergonha de sentir prazer no mamilo *que absurdo*. A gente também admite a boca ser usada no sexo, mas ela não é considerada um “órgão sexual”. E as bundas, que excitam muita gente, mas no pisca-pisca não pode nem chegar perto.

Percebeu que, de todo o nosso corpo, a gente separa só 4 partes pra transar? E além disso, quando é com a boca não é nem considerado sexo! Se duas pessoas transarem só fazendo oral, elas não transaram “de verdade”, mesmo que a gente chame isso de sexo oral. Sexo só é considerado sexo se tiver um pênis penetrando alguma coisa. Sabe esse oral que você chama de “preliminar”? É sexo, querida! Preliminar é tirar o gato de cima da cama, trancar a porta e achar a camisinha perdida dentro da bolsa.

Algumas pessoas levam isso tão a sério, que ficam completamente perdidas quando param pra pensar em sexo lésbico. “Tá, mas o que se faz?” “O que é que coloca onde?”. O imaginário social não consegue entender o conceito de usar os dedos, porque acha que o sexo depende da existência de um pênis. Inclusive, tanto pra lésbicas, quanto pra gays, quanto pra héteros, quando os dedos são

usados pra penetração, também não é considerado sexo! Porque, de novo, falta um pênis.

Pois é, você pode não ter se dado conta ainda, mas a gente vive em uma sociedade bem obcecada por pênis: coisas com formatos de pênis, imagens de pênis, piadas sobre pênis... Quando não tem um pênis envolvido as pessoas não entendem como pode acontecer sexo, mas e quando tem dois envolvidos?

O sexo gay é heteronormatizado pra caramba! Porque, na ausência de uma mulher, alguém vai ter que fazer o “papel de mulher” na cama. Daí surgem as noções e os estereótipos do ativo e do passivo. É muito difícil as pessoas aceitarem, por exemplo, que uma bicha afeminada goste de ser ativa (mesmo que isso não tenha nada a ver com a vida delas). Os próprios gays ainda não descobriram (a maioria) que dois passivos podem transar sem um ativo envolvido porque, adivinha: sexo não depende do envolvimento de um pênis. *Uau, Cabral! Descobriu o Brasil.*

A própria noção de passividade é completamente torta, tanto da passividade dos gays quanto das meninas hétero. Dá a impressão de que a garota vai lá, deita na cama e não faz nada, só fica sendo penetrada. O máximo que se aceita de atitude de uma passiva, é na hora de ficar por cima, porque ter atitude e tomar o controle são papéis do “homem da relação”. *Ai, por favor, né.*

E pra finalizar, bem polêmica: você já pensou na possibilidade de um homem hétero ser passivo e uma mulher hétero ser ativa? Pois é, corpos biologicamente machos geralmente têm próstata e é possível, sim, sentir prazer anal sem ser gay. É só se livrar das regras heteronormativas e se permitir experimentar! Ser penetrado não diminui a masculinidade de ninguém porque isso não precisa ser “coisa de mulherzinha”.

E QUANDO A CRIANÇA COMEÇA A FICAR MEIO GAYZINHA?

Todas as vezes em que falamos, neste livro, sobre pessoas que fogem da **heteronormatividade**, nós comentamos sobre violência. Você reparou nisso?

Pois é, a **heteronormatividade** usa a violência pra se manter como regra. Certamente você já ouviu algum caso de uma criança que apanhou dos pais por ser muito afeminada, ou talvez você tenha passado por essa experiência.

A violência física direta é mais comum com crianças, principalmente com os meninos. Tem muita gente que ainda acha que “quando o filho começa a ficar meio ‘gayzinho’, leva um ‘couro’ e muda o comportamento dele”. Discursos assim são reais e terminam com meninos sendo espancados até a morte por lavarem a louça ou gostarem de dança do ventre.

Bater em crianças não educa, causa traumas e problemas que não são resolvidos até a idade adulta. Constrói pessoas doentes, violentas e mal-resolvidas. Bater em crianças não educa e não vai mudar a sexualidade ou o comportamento delas. Bater em criança não educa e ponto final!

Mas não são só as crianças que sofrem violência. Quanto mais afeminada ou mais masculina forem as bichas e as sapatões, mais violência elas vão sofrer. É por isso que a gente diz que elas são “a linha de frente” do movimento LGBTQIA+. São essas pessoas que correm maior risco de apanhar da rua, serem motivo de piada ou de sofrerem um estupro corretivo. É dessas pessoas que a sociedade tem vergonha e sente nojo.

E não são só os LGBTQIA+ que sofrem a violência em função da heteronorma. Você também já deve ter visto notícias como “Pai e filho são confundidos com casal gay e espancados na saída de restaurante” ou “Mãe e filha são agredidas em shopping por homem que as confundiu com casal homossexual”. É assim que a **heteronormativi-**

dade funciona: qualquer pessoa que se pareça LGBTQIA+, mesmo que não seja, corre o risco de apanhar. Qualquer homem que não sustente a masculinidade dominante corre o risco de apanhar. Uma criança que não se comporte como “homem de verdade” corre o risco de apanhar.

Mas, como você já deve saber, violência não resolve nada e nem faz as coisas desaparecerem. As bichas, as sapatões, as travestis e todas as pessoas que fogem da heteronormatividade seguem resistindo às surras, aos xingamentos e aos olhares de nojo.

LUGAR DE BICHA É NO ARMÁRIO!



Os corpos não-heteronormativos não passam despercebidos por ninguém, todo mundo nota. Mas como é pra essas pessoas estarem em lugares heteronormativos? O que acontece quando um lugar normatizado é invadido e ocupado por um bando de viado e sapatão?

Se você é uma **poc** ou uma **fanchona**, você entende do que a gente tá querendo falar. Quando corpos não-heteronormativos entram em espaços heteronormativos (basicamente a maioria dos espaços, pra não dizer todos), eles viram o centro das atenções.

São corpos estranhos que causam variados tipos de reações: tem gente que olha com nojo descarado; tem um pessoal que olha com uma cara de surpresa/espanto, como se tivesse vendo um espetáculo de um circo dos horrores; tem gente que finge que tem a decência de não ficar encarando, mas que lança olhares de canto porque não conseguem esconder a curiosidade.

Querendo ou não, esses corpos são notados. Além dos olhares, podem acontecer outros tipos de reações contrá-

rias à presença dessas pessoas no ambiente.

Pessoas extremamente incomodadas costumam conversar com os atendentes dos estabelecimentos, pedindo “em nome das crianças”, que retirem as pessoas de lá. Outros, um pouco mais descarados, vão eles mesmos tirar satisfações e tentar expulsar as bichas.

E por que a gente não encontra pessoas não-heteronormativas nesses espaços? A gente chama isso de higienização! Pensa comigo: imagina entrar num lugar onde você é a única pessoa destoando do resto e, pra melhorar a situação, o “resto” faz questão de te lembrar que tu é o estranho e o bizarro do ambiente. Correndo ainda o risco de ser expulso, com violência, desse lugar.

Quando estiver em um lugar público (restaurantes, bares, etc) faça um exercício: olhe em volta e procure uma bicha bem afeminada ou uma sapatão bem masculina. Conte quantas dessas pessoas você encontra em proporção às pessoas heteronormativas (incluindo gays e lésbicas) e tente perceber se as pessoas à sua volta se sentem ou não incomodadas.

Você vai perceber, inclusive, que conforme o valor da conta sobe, o número de corpos não-heteronormativos desce.

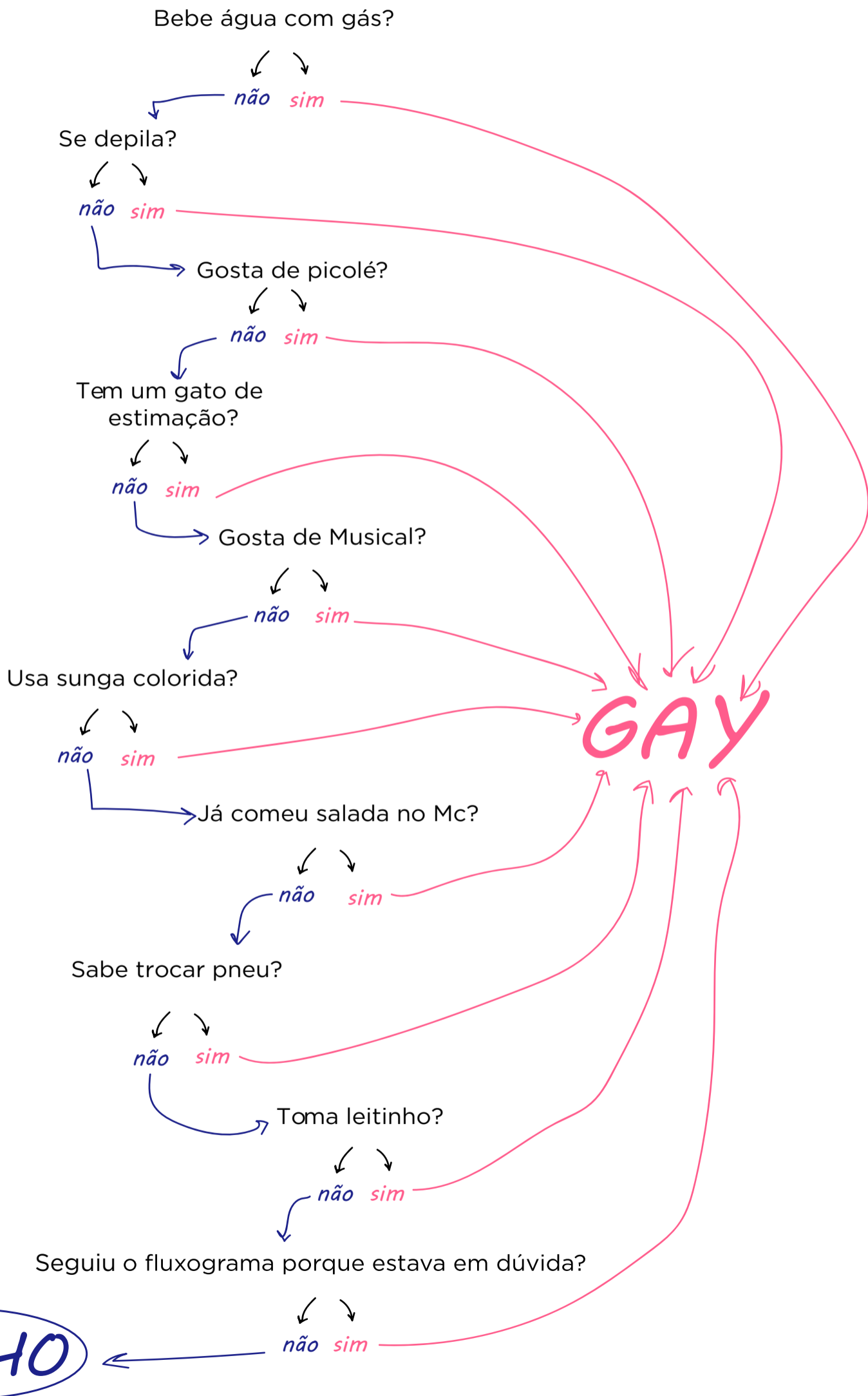


3

NÃO ENTENDEU? A
GENTE DESENHA

Gráficos com altíssimo tom de ironia.

FLUXOGRAMA DO MACHO



CUIDADO, ESTE LIVRO É FRÁGIL!
MANUAL DA HETERONORMATIVIDADE

4

CAÔ X FATO

Nossa pequena agência de checagem.

Ficou confuso com esse monte de informação e não sabe mais o que pode ou não fazer? Relaxa, man, fizemos uma pequena listinha de coisas que você pode começar a fazer ou seguir fazendo sem que isso interfira na sua heterossexualidade.

LAVAR A LOUÇA USANDO LUVAS

Sim! Você pode lavar a louça e você pode usar luvas pra fazer isso. E sentir nojo da sujeira da pia tá liberado também.

Mas vai limpar, hein!

PINTAR AS UNHAS

Sim, amado, você pode pintar as unhas e não precisa ser só de preto! Pode ser criativo com as cores que isso não destrói sua heterossexualidade. Inclusive o costume de pintar as unhas começou como uma prática dos homens das famílias nobres da China antiga! Se eles conseguiram permanecer héteros depois disso, você consegue também.

HIDRATAR O CABELO

Pode ser com babosa, com maisena, com vinagre de maçã ou com cremes prontos pra isso, mas vai hidratar esse cabelo! Fica macio, brilhoso, cheiroso e não faz surgir desejo por uma pessoa do mesmo gênero que o seu.

DANÇAR

Sabe quando toca aquela música que você adora? Você pode dançar ela loucamente pelos cantos sem ter que transar com outro homem. Dançar faz parte de se expressar e é muito bom! Pode experimentar, é muito divertido e vai te fazer mais feliz!

Plus: todo mundo gosta de gente que dança.

GOSTAR DE DRAG

Drag é uma arte maravilhosa que começou a nascer na Grécia Antiga e, sim, você pode gostar. Pode seguir a Gloria Groove no Instagram e ouvir Pablllo Vittar que isso não reduz sua heterossexualidade. Se quiser, você pode até fazer uma drag!

TODAS AS OUTRAS COISAS QUE UM SER HUMANO PODE FAZER

Sim! Por incrível que pareça, você pode fazer qualquer coisa que quiser e nenhuma delas vai interferir na sua heterossexualidade. A gente só te recomenda que, antes de sair por aí de salto, você treine em casa pra não passar vergonha na rua.



CUIDADO, ESTE LIVRO É FRÁGIL!
MANUAL DA HETERONORMATIVIDADE

5

BABADO FORTE

Novas masculinidades? Que bicho é esse?

NOVAS MASCULINIDADES



A gente ainda vive em uma sociedade estruturalmente problemática e preconceituosa, mas, se a gente comparar os dias de hoje com alguns anos atrás, dá pra ver que muita coisa mudou pra melhor. O movimento negro conquistou grandes vitórias contra o Apartheid na África do Sul, contra a segregação nos Estados Unidos e conquistou o direito a cotas raciais aqui no Brasil; o movimento LGBTQIA+ ganhou visibilidade mundial e hoje consegue ocupar cargos no congresso, conquistou o casamento igualitário (que hoje está novamente sendo discutido...) e uma lei contra a homofobia; o movimento feminista conquistou mudanças estruturais na nossa sociedade, o direito da mulher votar, estudar, trabalhar e ser autônoma.

A gente sabe que, mesmo com essas conquistas, a cabeça das pessoas ainda segue presa no século 19, mas uma parcela bem considerável da população fez o seu esforço de acompanhar as mudanças em busca de um mundo melhor. Mesmo sem esse esforço, a quantidade de coisas acontecendo fez com que algumas pessoas mudassem, tendo consciência disso ou não.

As maneiras de viver o gênero mudaram de forma considerável. As mulheres conquistaram lugar no mercado de trabalho e deixaram de ser apenas donas de casa. Os LGBTQIA+ ressignificaram estereótipos e começaram a brincar com as expressões de gênero. Mas e os homens héteros, onde que ficaram nessa história?

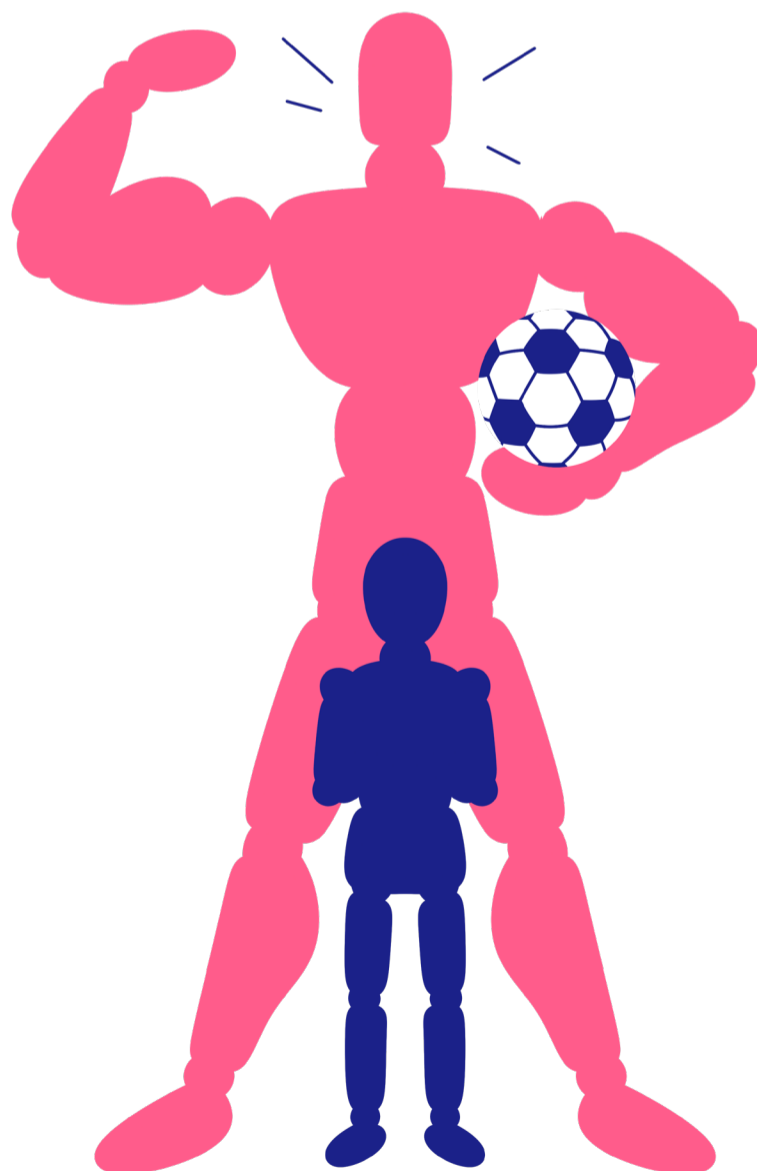
A maioria deles ficou pra trás e segue reproduzindo os padrões de masculinidade do século passado, a gente sabe. Porém, alguns andaram junto com a corrente e começaram a construir as novas masculinidades: maneiras novas de ser homem em uma sociedade que vem mudando há bastante tempo.

Com a entrada das mulheres no mercado de trabalho, o

papel de patriarca dos homens aos poucos vai perdendo o sentido e já podemos ver famílias que fogem dessa lógica. Você não conhece ninguém que mora em uma casa mandada e provida pela mãe? É lógico que a maioria da sociedade segue sendo patriarcal, mas essas pequenas mudanças nos mostram que é possível seguir em frente.

É possível construir masculinidades sensíveis, não agressivas, expressivas, criativas, sentimentais, que cuidam dos filhos, que cuidam da casa. Tudo isso são novas masculinidades que já estão começando a pipocar no meio da sociedade e sendo estudadas pelo pessoal das humanas!

Não existe regra pras novas masculinidades, a ideia é que você, homem, pode experimentar ser algo a mais do que se espera que você seja. Explorando seus sentimentos, suas expressões e até suas feminilidades, tentando contribuir pro avanço da sociedade, você já está testando novas masculinidades que não são tóxicas, não oprimem as outras pessoas e não te prendem em um modelo rígido e violento do que é ser homem.



6

PRA NÃO DAR CLOSE ERRADO

O problema é só dos héteros?

DISCRETO E FORA DO MEIO



Se você convive minimamente no meio LGBTQIA+, você já se deparou com aquele ser humano bem padrãozinho que diz “não sou, nem curto afeminados”. Que preguiça, né? Ela pode até não dizer coisas assim, mas, e quando você cruza com aquela sapatão padrão que tá andando com outras sapatões iguais a ela e pegando uma menina que também é extremamente padrão? Preguiça também.

A gente já abordou, em outros livros, outros tipos de padrão que são disfarçados com a “questão de gosto”. Mas, no meio LGBTQIA+, além de branco, magro, jovem e sem deficiência, ainda tem o padrão da **heteronormatividade**.

Mas, calma! Antes que alguém faça um escândalo: ser heteronormativo não é uma coisa ruim! O que a gente vai criticar aqui são as coisas que acontecem quando alguém LGBTQIA+ é heteronormativo. Vamos por partes.

A gente entende que os LGBTQIA+ escolham seguir a **heteronormatividade**. É mais fácil. É através da **heteronormatividade** que essas pessoas se camuflam na sociedade heterossexual e conseguem encontrar um espaço um pouco mais privilegiado. Não que essas pessoas não sofram preconceito, mas sofrem menos, o que é um privilégio sim!

Ter um privilégio só deixa de ser um problema quando você reconhece isso e tenta fugir de discursos e atitudes que reproduzem preconceitos. Se você é uma pessoa LGBTQIA+ heteronormativa, a gente vai te dar uns toques de coisas que você pode estar fazendo, sem se dar conta de que está reproduzindo preconceitos e passando vergonha.

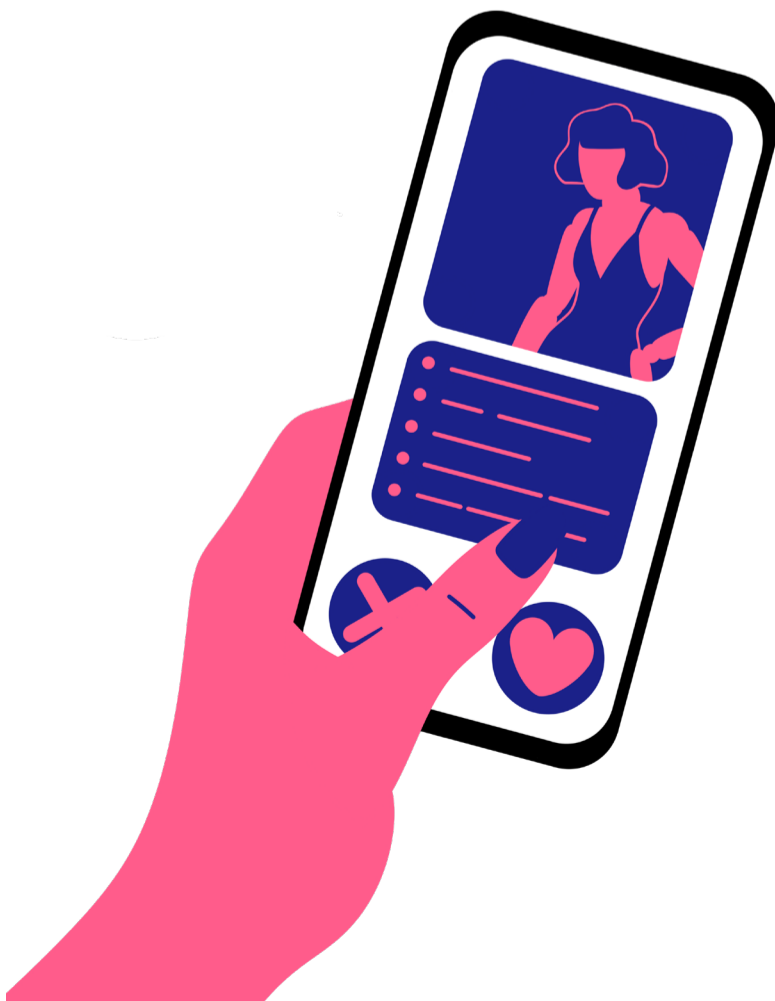
Em primeiro lugar, joguem fora essa coisa de se acharem melhor do que as bichas e as fanchas. Você pode até negar essa postura, mas discursos como “não sou nem

curto afeminados” ou “sou e prefiro discretos” carregam nas entrelinhas a vergonha de andar com as afeminadas. E não, meu amor, você não é mais homem ou mais mulher do que as bichas e as fanchas só porque você segue esses padrões. Homens podem ser fadas afeminadas, mulheres podem ser caminhões bem masculinos e seguem sendo tão válidas quanto você.

Agora vamos falar de desejo? Dá uma olhada no perfil das últimas cinco pessoas que beijaram a sua boca. Se elas forem muito iguais umas às outras (brancas, magras e heteronormativas) isso não é questão de gosto, é questão de padrão mesmo. E me diz, quando foi a última vez que você se interessou por uma pessoa fora do padrão?

A **heteronormatividade** influencia no nosso desejo e quem foge dela sabe o que é não ser desejada. As pessoas adoram dizer que a bicha é maravilhosa, linda, um bapho, mas são poucas as que sentem desejo por ela. Surpreendendo um total de zero pessoas, quem sente menos desejo pelas pessoas não-heteronormativas são as padrãozinho. E ainda tem o pessoal que se relaciona com essas pessoas, mas tem vergonha disso e prefere manter escondido: não apresenta pros amigos e nega até a morte que gosta.

Não sei se te avisaram, mas tá passando vergonha.



CUIDADO, ESTE LIVRO É FRÁGIL!
MANUAL DA HETERONORMATIVIDADE

7

PRA COLAR NA
PROVA

Nunca tinha ouvido falar? É por isso que temos
um glossário!

* **Afeminofobia-** o preconceito contra pessoas afeminadas.

* **Fanchona-** Sapatão masculina. Ouviu heteronormativa? MAS-CU-LI-NA.

* **Heteronormatividade-** Conjunto de regras e normas sociais que ditam como as pessoas devem se comportar para “parecer hétero”, validando assim sua vivência.

* **Poc-** Bicha afeminada. Ouviu heteronormativa? A-FE-MI-NA-DA.



8

PRA STALKEAR GERAL

Pra assistir depois que terminar as tarefas.

SÉRIES E FILMES

Sex education



2019

Direção: Laurie Nunn

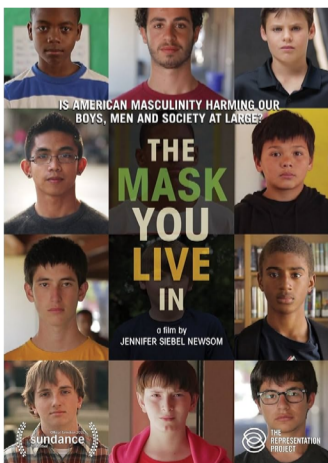


Sinopse: Em Sex Education, Otis é um adolescente que vive com sua mãe, uma terapeuta sexual. Mesmo sendo virgem, ele é uma espécie de especialista em sexo. Junto com Maeve, ele resolve montar uma “clínica de saúde sexual” para ajudar outros estudantes da escola. Quando você for assistir essa série, pode prestar bastante atenção no melhor amigo de Otis, o Eric, e acompanhar a evolução dele até se libertar da própria heteronormatividade.

The mask you live in

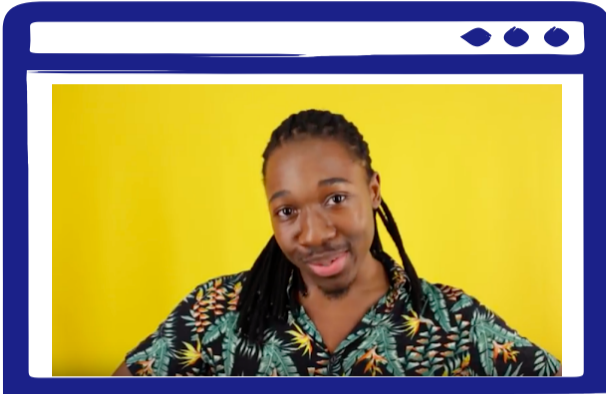
2015

Direção: Jennifer Siebel Newsom



Sinopse: Uma série de depoimentos de educadores, psicólogos e outros especialistas e relatos de homens e meninos americanos, compõem esse documentário que vai desmistificando os estereótipos ligado de “ser homem” que vêm sendo reproduzidos das mais diversas formas.

VÍDEOS



Heteronormatividade

https://www.youtube.com/watch?v=A_8fDpos944



Mas ninguém gosta do gay padrão?

<https://www.youtube.com/watch?v=j5k3Hu2mXGU>



Linn da Quebrada no Estação Plural

<https://www.youtube.com/watch?v=bSfk-tgelzk>



Por que sou tão gay?

https://www.youtube.com/watch?v=_U1foLW8h54

9

**NÃO PEGOU A
REFERÊNCIA?**

Tem pé e cabeça, sim! Tudo com fundamento.

ALVES, Maria Elisa. **Menino teve fígado dilacerado pelo pai, que não admitia que criança gostasse de lavar louça.** 2014. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/menino-teve-figado-dilacerado-pelo-pai-que-nao-admitia-que-crianca-gostasse-de-lavar-louca-11785342>> Acesso em: 15 abr 2019.

COLLING, Leandro. **Crônicas do CUS: cultura, sexo e gênero.** Salvador, BA: Editora Devires, 2017.

EXTRA. **Mãe e filha são agredidas em shopping de Brasília ao serem confundidas com casal gay.** 2017. Disponível em: <<https://extra.globo.com/casos-de-policial/mae-filha-sao-agredidas-em-shopping-de-brasilia-ao-serem-confundidas-com-casal-gay-21898781.html>> Acesso em: 15 abr 2019.

G1. **Pai e filho são confundidos com casal gay e agredidos por grupo em São João da Boa Vista, SP.** 2011. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/pai-filho-sao-confundidos-com-casal-gay-agredidos-por-grupo-em-sao-joao-da-boa-vista-sp-2714592>> Acesso em: 15 abr 2019.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças.** Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto, 2016.

REDAÇÃO MINHA VIDA. **8 benefícios do sexo para a saúde.** 2018. Disponível em: <<https://www.minhavidacom.br/bem-estar/listas/11730-8-beneficios-do-sexo-para-a-saude>> Acesso em: 17 abr 2019.



SOBRE AS AUTORAS

RENATA PORCELLIS



É gaúcha, mora desde a infância na cidade de Pelotas. Formada em artes visuais pela UFPel, especialista e mestre em educação pelo IFSul. Mãe da Samar e da Clara, duas meninas, uma trans e outra ainda uma bebê. Atualmente trabalha no Núcleo de gênero e Diversidade Sexual (NUGEDS) do IFSul campus Pelotas.



KAI KRAUSE

Nascido e crescido em Pelotas. Formou-se técnico em Química pelo IFSUL - Campus Pelotas e, até hoje, não sabe porque fez isso. Estudante de Licenciatura em Filosofia na Universidade Federal de Pelotas, futura bicha professora que busca educar para a diferença. Ainda tentando entender o que faz na Filosofia... Detesta escrever sobre si mesmo na terceira pessoa.

**Este livro digital foi escrito e
produzido entre
2018-2024.**

**Utilizou as fontes da família
Gotham, Black Rider e MV Boli.**